"CORPOS ESTRANHOS": ALGUMAS NOTAS SOBRE EDUCAÇÃO CULTURAL INDÍGENA E DOCÊNCIA

Ritielle Alderette [1]

Lisiane de Barros Silva [2]

Gabriel Dos Santos Kehler [3]

Resumo:

Este estudo objetiva possibilitar uma reflexão analítica sobre a relação entre educação cultural indígena e docência, com efeitos às identidades e diferenças de "corpos estranhos". Sua problemática discorre sobre os desafios da formação docente para essa modalidade de educação diferenciada, considerando o modelo de escola e processo de escolarização, ainda, são/estão constituídos a partir da hegemonia cultural branca. Metodologicamente, buscou-se realizar uma breve revisão teórica sobre o tema, como forma de promover uma reflexão analítica sobre a temática supracitada. A saber, o povo indígena estabelece uma variedade de tradições, com sub grupos identitários e tantas outras individualidades, dentro daquilo que nomeamos como cultura indígena. No entanto, o Estado brasileiro encontra dificuldades para promover medidas eficazes de desenvolvimento formativo de profissionais que atendam tais necessidades. Por ora, pode-se realizar algumas ponderações, como: a) as barreiras para o aperfeiçoamento dos profissionais da docência são potencializadas pelo distanciamento das aldeias em relação aos centros universitários; b) o distanciamento não está atrelado apenas a aspectos físicos, mas também constitui-se por meio de distanciamento pedagógico e formativo em relação a cultura indígena, como "corpos estranhos"; e, c) a hegemonia cultural branca ainda é demasiadamente cultuada pelas instituições brasileiras, sendo que o direito à diferença das minorias, ainda encontra resistências (políticas, institucionais, e de alguns segmentos da sociedade civil). De mais a mais, o tema da educação cultural indígena necessita ser amplamente discutido e problematizado, para quem sabe um dia, os corpos possam estar agenciados pelo/no pertencimento cultural, sem estranhamento e indiferença.

Palavras-chave: Educação. Indígena. Formação. Docente.

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

"CORPOS ESTRANHOS": ALGUMAS NOTAS SOBRE EDUCAÇÃO CULTURAL INDÍGENA E DOCÊNCIA

[1] Aluno de graduação. ritielle22@gmail.com. Autor principal

[2] Graduanda em Licenciatura em Matemática. lisianedebarros@gmail.com. Co-autor

[3] Docente. gabrielkehler@unipampa.edu.br. Orientador

“CORPOS ESTRANHOS”: ALGUMAS NOTAS SOBRE EDUCAÇÃO CULTURAL INDÍGENA E DOCÊNCIA

1 INTRODUÇÃO

Os povos indígenas constituem seus arranjos comunitários de variadas formas e sob algumas especificidades, seja pelo seu modo originário de vida (relação com a natureza), seja pela sua cultura (sentido antropológico), o que torna o desafio de efetivação de políticas públicas de educação cultural indígena ainda maior e mais potente. A exclusão da comunidade indígena dar-se-á através de uma relação/dívida histórica, marcada pelo descaso, exploração e descrédito, naturalizada através do tempo, de geração em geração. No entanto, as manifestações em defesa dos direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988 ganham visibilidade, em consonância com a relação de saber poder fundamentado no/pelo acesso, permanência e sucesso escolar . Ademais, essas reivindicações são subsidiadas no campo educacional a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDBN 9394/96, estabelecendo a oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas.

Em termos educacionais, há uma necessidade educativa específica para/com o povo indígena, enquanto valorização cultural singular, pois cada etnia tem seu próprio processo cultural. Ademais, a formação docente é fundamental para a qualidade do futuro de uma educação diferenciada para os indígenas, no entanto, a formação na/para/com essa demanda específica também apresenta problemas, considerando o modelo de escola e processo de escolarização, ainda, são/estão constituídos a partir da hegemonia cultural branca. Nesse sentido, este estudo objetiva possibilitar uma reflexão analítica sobre a relação entre educação cultural indígena e docência, com efeitos às identidades e diferenças de “corpos estranhos”.

2 METODOLOGIA

Metodologicamente, este estudo inscreve-se nas credenciais de uma breve revisão bibliográfica, sob abordagem qualitativa, resultando em uma reflexão analítica que, para Lüdke (1986) “referem-se ao que está sendo "aprendido" no estudo, isto é, temas que estão emergindo, associações e relações entre partes, novas ideias surgidas” (p. 31). Nesse sentido, “a parte reflexiva das anotações inclui as observações pessoais do pesquisador, feitas durante a fase de coleta: suas especulações, sentimentos, problemas, idéias, impressões, pré-concepções, dúvidas, incertezas, surpresas e decepções” (Ibid.), operando uma análise crítica sobre os fenômenos educacionais/sociais. Assim, baliza-se a modalidade de educação indígena no cenário educacional do país em articulação com algumas literaturas que fazem pensar a docência no contexto da educação indígena.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Ao problematizar a Educação de forma mais ampla, não podemos deixar de mencionar Paulo Freire (1996), um dos principais influenciadores do pensamento no que opera a Pedagogia da Autonomia, expressão que inclusive intitula uma de suas obras. Ademais, o mesmo critica métodos educativos de cunho memorizador/fragmentado, “como se os livros

todos, cuja a leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo" (FREIRE, 1996, p. 16), defendendo assim, uma educação baseada nas vivências concretas das comunidades, podendo ajudar positivamente no processo da educação de diferentes povos, como por exemplo, a educação dos povos indígenas.

Em termos legais, o direitos a educação indígena é garantido desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBN/9394/96, em seus artigos 78 e 79, estabelecendo a oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas. Entretanto, a maioria dos professores indígenas possuem apenas o magistério, alguns o ensino médio e outros o ensino fundamental (in/completos) necessitando, sem dúvidas, uma formação de nível superior específico e diferenciado para trabalhar com a modalidade educativa supracitada.

Em termos pedagógicos, fazer com que um indígena tenha a mesma percepção e compreensão para tratar de assuntos e conteúdos de outra cultura (no caso, a branca hegemônica) não é uma tarefa fácil e, tampouco, desejável. Talvez, seja esse o princípio da confusão instaurada atualmente nas escolas e cursos de educação intercultural indígena, pois acaba perdendo-se o foco da cultura em sua profusão e identidade e diferença. Vejamos o relato de um indígena:

> [...] a escola entrou na comunidade indígena como um corpo estranho que ninguém conhecia. Quem a estava colocando sabia o que queria, mas os índios não sabiam, hoje os índios ainda não sabem para que serve a escola. E esse é o problema. A escola entra na comunidade e se apossa dela, tornando-se dona da comunidade, e não a comunidade dona da escola. Agora, nós índios, estamos começando a discutir a questão" (KAIGANG apud FREIRE, 2004, p. 28).

Considerando a declaração acima, tenciona-se a discussão sobre a inclusão ou exclusão social através da inserção da escola nessas comunidades, em que os povos indígenas presumem ser um corpo estranho. Tal sensação ocorre pela forma que são tratados pelo sistema Estatal brasileiro, sendo que "as escolas nas aldeias têm sido, com raras exceções, réplicas das escolas das cidades: a mesma proposta de currículos, de critérios de avaliação, carga horária, estrutura de funcionamento etc." (LADEIRA, 2004, p. 143)

Quanto a formação para a docência na/para/com a educação indígena, a maioria dos docentes que atuam nas aldeias não apresentam uma formação específica, o que também pode-se configurar como um corpo estranho na cultura indígena, logo, o desinteresse das representações governamentais (via Estado brasileiro) em investir na educação indígena, pode ser vista como uma das causas de tanta demora e efetividade da política. Igualmente, passa a ser obrigatória a reserva de vagas para estudantes indígenas ao ingresso e acesso em Universidades públicas, mas ainda é um desafio fortalecer e estabelecer meios para a sua permanência e sucesso, seja em função de dificuldades que vão desde os conteúdos abordados nos currículos das academias, a língua falada, como as condições financeiras e atitudinais, contribuindo sobremaneira para a evasão dos mesmos.

Quando trata-se do processo de formação de um indígena em um curso de licenciatura, embora sejam apenas discentes, pela falta de profissionais nas áreas indígenas, muitos acabam tornando-se professores nas comunidades e por serem escolhido pelos líderes das aldeias, já contam como tempo de experiência. Tais cursos de formação são ofertados por meio do Programa de Apoio à Implantação e Desenvolvimento de Cursos de Licenciatura para Formação de Professores Indígenas (PROLIND) criado como reação à forte discussão sobre a entrada de indígenas nas universidades com apoio da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), sendo que, durante o desenvolvimento do curso, os/as estudantes alternam entre a comunidade e universidade.

Para dar continuidade aos estudos, os indígenas obrigam-se a saírem de suas aldeias e deslocarem-se para as cidades que ofereçam oportunidades formativas. No entanto, quanto mais cedo essa busca por instrução adequada, nota-se que, em alguns casos, o processo de aprendizagem cultural indígena vai sendo interrompido. Logo, a própria identidade desses indivíduos acaba sendo distorcida, reprimida e perseguida em fusão a um quadro sistemático de discriminação e preconceito, muito presentes na sociedade brasileira, seja por meio de nossas instituições como um todo, seja através da representação política de alguns segmentos da sociedade civil (bancadas ruralista e evangélica, por exemplo). Por ora, o sistema de cotas ofertado é um aliado para conquistar o ingresso no ensino superior, como o caso das licenciaturas (naquilo que nos interessa aqui), sendo que deve ser comprovada a descendência indígena de seus ancestrais para que não haja fraudes na ocupação das vagas. Quanto a demanda de pessoas interessadas em ingressar nos cursos de licenciatura intercultural indígena aumenta a cada ano, é possível que se tenha que abrir novas vagas para atender um número maior de interessados. .

Assim, como as lideranças das aldeias fornecem um "aval" indicando somente aqueles de confiança para concorrer pelas vagas ofertadas, aumenta a dificuldade de acesso e permanência nestes cursos de Licenciatura Intercultural, devido a seleção que outros índios acabam por optar diversas outras áreas de capacitação mais acessíveis, por isso o professor deve sempre estar em comum acordo com esses líderes. Outra razão dessa defasagem é relacionado à língua culta (oficial portuguesa) utilizada nas universidades e o material didático (que aplica-se para todos os níveis de escolarização que envolva a educação indígena). Afinal,

> [...] material Didático não adianta. Os professores têm que ter formação adequada para usar esses materiais. Uma escola pode ter muitos materiais para ensino de línguas nas escolas, mas, se não tiver treinamento, se os professores não souberem como fazer, não adianta ter material, que não vai servir para a educação Indígena (CABRAL, 2006).

Segundo autor, não havendo professores qualificados em consonância com as especificidades da educação indígena, de nada adianta o material didático, ou seja, aqui fica evidente que a relação entre a especificidade da modalidade educativa e a docência devem estar em sintonia, como uma espécie de contrato pedagógico, afinal, a experiência educativa necessita ser compartilhada em um contexto de pertencimento e não como estranhamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a necessidade de apontar algumas ponderações sobre o empreendimento realizado, em específico naquilo que opera seu objetivo - a relação entre educação cultural indígena e docência; por ora, pode-se encaminhar três aspectos primordiais, a saber: a) as barreiras para o aperfeiçoamento dos profissionais da docência são potencializadas pelo distanciamento das aldeias em relação aos centros universitários; b) o distanciamento não está atrelado apenas a aspectos físicos, mas também constitui-se por meio de distanciamento pedagógico e formativo em relação a cultura indígena, como "corpos estranhos"; e, c) a hegemonia cultural branca ainda é demasiadamente cultuada pelas instituições brasileiras, sendo que o direito à diferença das minorias, ainda encontra resistências (políticas, institucionais, e de alguns segmentos da sociedade civil).

Entretanto, a comunidade indígena ao indicar os professores regentes para suas aldeias estão intervindo diretamente no meio social a qual está inserida, considerando que há uma enorme necessidade de professores indígenas com formação inicial e continuada diferenciada, desempenhando o papel de mesclar a tradição e saberes locais com o conhecimento científico universal, para que nesse processo educativo não se perca a identidade cultural indígena, projetando a permanência dos integrantes em suas aldeias sendo, fundamental para a comunidade. De mais a mais, o tema da educação cultural indígena necessita ser amplamente discutido e problematizado, para quem sabe um dia, os corpos possam estar agenciados pelo/no pertencimento cultural, sem estranhamento e indiferença.

REFERÊNCIAS

BRASIL**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - LDBN/9394/96. Art. 78. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11684035/artigo-78-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996?ref=serp-featured>. Acesso em: 12/09/2018.

CABRAL, A.; CÂMARA, S, A. **Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades**: **Os desafios da educação indígena no Brasil.** Disponível em: <https://www.ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/11317/os-desafios-da-educacao-indigena-no-brasil>. Acesso em: 12/09/2018.

ESQUINCALHA, A, C. **Etnomatemática: Um desafio da Evolução das ideias.** VIII Encontro Nacional de educação Matemática. Ano: 2004. Disponível em: <http://www.sbem.com.br/files/viii/pdf/05/1CC08743214762.pdf>. Acesso em: 22/10/2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia. Paz e Terra.** 1996. Disponível em: <http://lelivros.top/book/download-pedagogia-da-autonomia-paulo-freire-em-epub-mobi-e-pdf/>. Acesso em: 24/11/2016.

FUNAI, Fundação Nacional do Índio. **Educação Escolar Indígena.** Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/educacao-escolar-indigena?start=7#>. Acesso em: 18/11/2016.

GRUPIONI, L, D, B. **A educação escolar indígena e a mudança do governo.** Site: Povos Indígenas no Brasil. Maio, 2016. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/c/politicas-indigenistas/educacao-escolar-indigena/a-educacao-escolar-indigena-e-a-mudanca-de-governo>. Acesso em: 18/11/2016.

KAIGANG, B.; FREIRE J, R, B. **Trajetória de Muitas perdas e poucos ganhos.** In. Educação Escolar Indígena em Terra Brasilis - tempo de novo descobrimento. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7335401-Trajetoria-de-muitas-perdas-e-poucos-ganhos.html>. Acesso em: 12/09/2018.

LADEIRA, M, E. **Projetando novos futuros: os dilemas da educação indígena.** Centro de Trabalho Indigenista. Brasília, 2003.

LANA, S, C. **O Professor Indígena e o Sistema Nacional de Educação.** Universidade de São Paulo. Setembro, 2009. Disponível em: <http://www.andhep.org.br/anais/arquivos/Vencontro/gt8/gt08p08.pdf>. Acesso em: 17/11/2016.

LEME, H, A, S. **"Formação Superior de Professores Indígenas de Matemática em Mato Grosso do Sul: Acesso, permanência e desistência".** Orientação – Ubiratan D'Ambrósio. São Paulo: S.n, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-150019/pt-br.php≥. Acesso em: 10/10/2016.

LÜDKE, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas I Menga Lüdke, Marli E.D.A. André. - São Paulo: EPU, 1986.

MENEGUELLI, G. **Os desafios da educação Indígena no Brasil.** 2016. Site: Greenme. Disponível em: <https://www.greenme.com.br/informar-se/povos-da-floresta/3254-educacao-indigena-brasil≥. Acesso em: 18/11/2016.

MONTE, N, L. **Os outros, Quem somos? Formação de Professores Indígenas e Identidades Interculturais.** Comissão Pró-Índio do Acre. Disponível em: <https://bibliaspa.org/wp-content/uploads/2014/05/9br.pdf≥. Acesso em: 17/11/2016.